

PRINCÍPIOS DA ÉTICA EPICURISTA

Cleiton Turela Moraes*
Ivan Junior Cargnim**

Resumo: Pesquisar sobre a ética epicurista é um tema de importante relevância para quem quer buscar uma relação com a ética contemporânea e a atual, dado que Epicuro dizia que a ética é a filosofia do espírito. Segundo Epicuro, para se viver bem, ou seja, viver com ética era preciso estar numa busca de si mesmo na interioridade. Epicuro vê na filosofia associada à ética o caminho para alcançar a felicidade, entendida como a libertação das paixões. A pesquisa é de cunho teórico bibliográfico e se valeu de fundamentação no campo da filosofia, da religião e da ordem social, versando isto as obras de Adágio Epicuro. Epicuro que utilizara em sua escola três grandes temas como; a canônica, a física e a ética na filosofia. A ética é o tema central da filosofia epicurista, pois ela em seu âmbito geral tenta tornar a sociedade mais feliz, em razão do que propunha a política da época, que se baseava em ter os cidadãos controlados a partir do temor. Epicuro vê na filosofia, associada à ética, o caminho para alcançar a felicidade, entendida como a libertação das paixões. O tema da ética epicurista vem de encontro com os problemas sociais.

Palavras-chave: Epicuro. Ética. Filosofia. Felicidade.

Introdução

No presente trabalho irei abordar o tema um breve conceito da ética epicurista, que trata brevemente acerca dos problemas que se deparavam os antigos gregos. As classes dominantes da época impunham medo de Deuses que castigavam e ainda se valiam de uma sabedoria materialista que se aproveitava dos mais necessitados e vulneráveis.

Segundo os autores que usei em meu trabalho, estes buscavam estabelecer uma linha de pensamento na ética de Epicuro, que tentou buscar uma solução, em prol do bem da sociedade, que se encontrava em precárias condições de vida, além das falsas religiões e do estado opressor e ainda das guerras e batalhas que marcam está fase o medo de Deuses castigadores e da morte reprimiam e estabeleciam o caos na sociedade.

* Acadêmico do 6º Semestre Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS. E-mail: cleitomoraes45@yahoo.com.br

** Acadêmico do 6º Semestre Curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS. E-mail: pakuy10@hotmail.com.

Neste breve conceito da *Ética Epicurista* tem-se por objetivo maior do conceito tentar investigar quais seriam os pontos vitais para se chegar a uma vida feliz dentro do âmbito social da época. Neste trabalho tratarei da ética epicurista, sendo que esta forma de viver eticamente buscava solucionar os problemas que a sociedade vivia.

1 A Vida do Mestre Epicurista

Adágio Epicuro, nasceu no ano de 341 a.C. e morreu no ano de 270 a.C., era natural da ilha de Samos no mar Egeu, muito a leste e perto da costa que hoje é a atual Turquia, portanto Epicuro era cidadão Ateniese. Seu pai e sua mãe eram colonos (cultivavam a terra), e eram por naturezas muito pobres, não possuía muito capital.

O império Alexandrino marca profundamente a sua juventude (Dos 7 aos 18 anos), foram tempos de conflitos onde Epicuro assistiu a fragmentação do império Alexandrino.

Epicuro não se interessou pela história da Hélade¹ da qual foi testemunha indiferente. Epicuro tem três anos de vida e vive em Samos, quando a derrota da Queroneia abre a Grécia aos apetites de Filipe. Após 68 anos em 270 a. C. Epicuro morre em Atenas escravizada, que neste intervalo de tempo, mudou de dono sete vezes. Durante sua vida viu um Império em guerra, dos Indus ao Egito. Para esse filósofo que nada disse sobre isto, a vida coletivo-histórica foi provavelmente um jogo de circunstâncias.

A vida conturbada do mestre do jardim se acentua em Cólifon no ano de 321 a.C., no bojo da pacificação do império Romano, Alexandre exige por decreto que os colonos restituíssem as terras confiscadas e que tinham sido divididas em seu proveito. Isso levou à família de Epicuro a extrema miséria. Desta forma isto pode ter determinado o estilo de filosofia a que Epicuro se sujeitou e adotou.

Epicuro começou sua vida na filosofia com quatorze anos de idade, pelo fato de iniciar seus estudos filosóficos nesta idade ele acabou surpreendendo a muitos. Frequentou a escola de Teos², as lições aprendidas aí o marcam profundamente, em sua vida de mestre, educador.

Epicuro publicou várias obras, foram cerca de 300, ao todo, mas desta enorme coletânea ficaram somente; *A carta a Heródoto*, que expõe toda a doutrina sobre a física, *A carta a Pitócles*, trata dos fenômenos celestes, *A carta a Meneceu*, consubstancia a ética epicurista e traz referências as divindades, seguidas de quarenta máximas; depois oitenta e

¹ Hélade é a história da Grécia Antiga.

² Segundo o autor; Nausífanos de Teos era discípulo de Demócrito, e seu princípio era o atomismo.

uma sentenças, descobertas em 1888, estas que constituem formulações breves, com acento na ética, e ainda alguns fragmentos descobertos por Herculano.

2 O Início do Epicurismo

Epicuro buscando uma sociedade mais ética no ano de 306 a.C., funda em Atenas o *Kepos*, ou seja o jardim, que nada mais era que uma casa com um enorme jardim (Pátio), onde eram feitas as mais diversas atividades, propostas pela sua doutrina. No jardim epicurista se produziam verduras, frutas, legumes, ou seja, os alimentos que seriam consumidos pelos que ali viviam.

No jardim o mestre Epicuro ministrava suas aulas, difundindo sua doutrina, entre seus discípulos e foi daí que proveu o nome *Filósofos do Jardim*. Antes disso Epicuro já com seus 32 anos, deu aula em Metilene e em Lâmpsaco. No jardim Epicuro permaneceu até sua morte no ano de 270.

Após a instalação da escola, Epicuro é reconhecido como o mestre do jardim, para seus discípulos Epicuro é o sagrado, um Deus. O jardim (Escola), em sua plena organização aceitava; velhos, crianças, escravos e até mulheres, entre elas até mulheres da vida, ou seja; prostitutas.

A escola epicurista, pelo fato de aceitar, todo tipo de pessoa, foi criticada em todas as demais escolas, pela falta de integridade física e até mesmo ética. As prostitutas que ali viviam, foram o principal alvo. A escola ficou marcada por seus concorrentes como um reduto de orgias entre seus membros. No aforismo 13º, Epicuro diz; Amar é diferente de sexo, uma regra da escola era o amor mútuo.

No jardim fazia-se um juramento de fidelidade, assim todos se tornavam amigos. Havia no jardim uma procura pela *ataraxia* (imperturbabilidade) e pela paz interior; na escola cultivava-se a *filoponia*; ou seja, o desempenho de tarefas árduas e difíceis que eram feitos na lavoura própria.

Na escola epicurista se encontravam todos os amantes da sabedoria (*Philosophai*), assim os trabalhos do corpo e da alma se complementam segundo Epicuro. A escola epicurista, não possuía riquezas vivia-se só com o necessário, viviam uma vida sem luxos, eram autossuficientes e tinham um caráter de se vestir como maltrapilhos.

O jardim era o lugar certo para se escapar de ensinar em público ³, por decreto Pró-Macedônico de Sófocles de Súnio em 307, este por sua vez proibiu o magistério em público dos filósofos indesejáveis, que fora revogado em 306, quando Demétrio Poliocertes conquistara a cidade, após Epicuro comprovar a propriedade, nela se fixou. Nesta época havia uma grande rivalidade entre as escolas, as mais antigas obtinham a exclusão de outras. Desta forma o Epicurismo se considera uma escola estrangeira, inassimilável, cuja cidadania era conseqüentemente precária.

A escola epicurista se estabelece no período, pós-socrático, e tinha como base o atomismo aprendido na escola de Teos. Assim tentando resolver questões a cerca de mecanismos que de uma forma ou de outra acabavam por movimentar nosso universo, ou seja, que tentava compreender nossa origem num todo.

Como um dos princípios pré-estabelecidos na escola epicurista seria de tentar acabar ou disseminar com os temores humanos, como; o poder de Deus ou dos Deuses, da política, do império e até mesmo da morte, estas preocupações mundanas trazem ao homem a dor, uma das filosofias que os epicuristas tentam tirar da sociedade, através do prazer e da prática da ética.

2.1 Os Deuses a Religião e a Ética Epicurista

Segundo o epicurismo; ‘A admiração dos deuses é ligada à representação que temos deles como modelos realizados’, o culto epicurista dos deuses; é uma relação sem religião, e religião que o sábio epicurista mantém com os deuses pode se quisermos chamar-se culto; um culto sem amor, com forte conotação a ética da busca do encorajamento, mas cuja dimensão cosmológica é nula, e cujo alcance é metafísico e é inexistente.

Os deuses para o epicurismo têm como função, segundo Duvernoy, 1990; “Levantar um problema” (DUVERNOY, p.55), eles são uma realidade cuja consciência filosófica produz a imediatez⁴, o papel dos deuses é servir de referencia intelectual e ética para a determinação e a atualidade plena.

Dentro da ética epicurista os deuses certamente não têm “figura humana”, o mestre do jardim é contra os deuses antropomórficos⁵, para o epicurismo os deuses constituem uma

³ Segundo o autor a propriedade era particular.

⁴ À custa da evacuação da opinião falsa.

⁵ Antropos + morfo = homem + forma = forma semelhante ao homem.

exigência da razão humana, Epicuro e sua comunidade não temem a deuses, mas também não esperam nada deles.

Epicuro era considerado um homem piedoso a Deus, este diz; ‘Graças a Deus, levei e procuro levar uma vida pura, na companhia de Matron⁶’. Talvez Epicuro tenha buscado inspiração em Aristóteles; ‘Onde há perfeição, é mister que exista uma perfeição suprema, além da qual nada podemos pensar’.

Os deuses são imortais porque perdem átomos e acabam sendo compensados, equilibradamente pelos átomos que ganham. Deus é um ser pleno, eterno, determinado e idêntico a si mesmo, este é o átomo, para o epicurismo.

O Deus do epicurismo não dá sentido nem valor, ele ilustra exemplarmente uma *eudaimonia* que o supera e da qual ele é apenas um modelo realizado, aí ele fala num deísmo⁷, acredita em Deus, mas não nega um mundo regido pelas leis naturais e científicas. Tudo que existe é perceptível, tudo que existe é corporal, se deuses existem, são corpos, e o seu conhecimento só pode ser uma percepção.

O seguimento da ética epicurista prega que o homem religioso, tanto como exterior a si próprio representa primeiramente para si, como exterior à sua própria existência. A religião para o epicurismo priva da validade do julgamento que cada um de nós faz da própria existência humana (Individual), ou mediatizada, referindo-se assim ao sentido da existência da comunidade dos homens.

Na religião alguém é detentor do sentido. A ausência de sentido imediato ou intelectualmente mediatizado não é vivida como negatividade absoluta, nem como desvanecimento puro e simples. O epicurismo é uma filosofia da busca de si mesmo na interioridade e na experiência íntima do ser, Epicuro combateu a religião antropomórfica e a religião astral e ainda as superstições⁸. A religião Grega era cética, utilitarista, com um pragmatismo árido e uma significação de ritos que aproveitavam a fragilidade da sociedade Grega.

⁶ Segundo Jean F. Duvernoy (1990 O Epicurismo e sua Tradição); Matron foi Pedagogo e seguidor do Epicurismo.

⁷ Segundo o autor, Jean F. Duvernoy (1990 O Epicurismo e sua Tradição); Deísmo é o Deus que não se preocupa com o mundo em que vivemos.

⁸ Para Epicuro estas eram o Ópio da sociedade grega.

3 Características do Epicurismo

Para o epicurismo a eudaimonia é desejável, e ou ela é considerada constitutiva da subjetividade humana generalizável. A felicidade para o epicurismo cumpre a função transcendental como sensível. Aí o epicurismo questiona, será que os deuses são felizes? Os deuses são vistos como modelos de *ataraxia*, o triunfo da razão do homem; para o epicurismo a *eudaimonia* vai derivar da virtude ética. A filosofia do epicurismo sofrerá algumas divisões, sendo elas; a canônica; a física e a ética.

A canônica do epicurismo ou lógica é a que domina os tempos epicuristas e é Aristotélica⁹. Os critérios da canônica epicurista são os da representação dessa consciência que é; “Eu”; “Nós”; “As Pessoas”, o critério último é a sensação, relação passiva de um composto humano pensante, com fenômenos, através dos órgãos e dos sentidos.

Já a física do epicurismo é baseada inteiramente nos conceitos do átomo e o vácuo. Aos átomos e o vácuo (Vazio), não são acessíveis aos sentidos. São elementos dos quais se compõe o mundo sensível, mas não são em si fenômenos. O epicurismo prega que a alma e o corpo são compostos atômicos. Além disso, corpo e alma nascem e morrem juntos, pois a alma não pode sobreviver à separação do corpo, pois corpos sem vida logo se decompõem.

4 O Epicurismo e a Ética no Período Helenístico

Para o epicurismo o tema principal de sua filosofia de vida converge nas questões éticas, onde ela tenta tornar os homens mais felizes a partir do afastamento do deusaidainomia¹⁰, dos falsos deuses, da falta de hêdone (Prazer), na vida com rumores da morte e da sociedade repressora.

O epicurismo não surge para combater o estoicismo¹¹ de Zenão de Crítia, mas para combater os problemas da época; política, ético, social e religioso. Para o epicurismo através de sua ética poderiam ser resgatados estes valores.

O ideal ético do epicurismo considera que o homem deve procurar o prazer e o gozo da vida, pois a *eudaimonia* é o bem último da existência e consiste exatamente no prazer. A finalidade da ética ditada pelo epicurismo se distingue em dois campos.

⁹ Seguiu os princípios de Aristóteles.

¹⁰ O autor se refere à superstição, ou o temor aos maus presságios.

¹¹ Para os estoicos, devemos viver de acordo com a lei da natureza.

A finalidade crítica que consiste no aniquilamento das superstições que afligem aos homens e a finalidade construtiva que tenta assinalar as regras que farão o indivíduo feliz. Não se deve temer aos deuses, pois seres perfeitos e distantes, não estão preocupados como nós humanos tão imperfeitos.

A ética epicurista propõe uma sabedoria cujo critério é o prazer (Hêdone), mas cuja preocupação é o temor. A ética do epicurismo se inclina para um sentido individualista, ou seja, a conduta é problema pessoal e não coletivo. Este individualismo vai desembocar em um egocentrismo. A ética que Epicuro propôs aos seus discípulos contemplou a forma de pensar em se desviar dos bens materiais e do capitalismo que operava na época.

Na ética epicurista não se tratava, de um prazer imediato, mas sim se tratava do prazer permanente, refletido, avaliado pela razão, escolhido prudentemente, sabiamente e filosoficamente. É mister dominar os prazeres, e não se deixar por eles dominar; ter a faculdade de gozar e não a necessidade de gozar. A filosofia epicurista estava baseada nesta função prática. O prazer imediato deveria ficar sempre essencialmente sensível, mesmo quando Epicuro fala de prazeres espirituais, para os quais não há lugar no seu sistema, e nada mais seriam que complicações de prazeres sensíveis.

O prazer espiritual diferencia-se do prazer sensível, o primeiro se estendia também ao passado e ao futuro e transcende o segundo, que é unicamente presente. A verdade é que Epicuro mira os prazeres estéticos e intelectuais, como os mais altos prazeres. Aqui, porém, se ele faz uma afirmação profunda, está certamente em contradição com a sua metafísica materialista.

4.1 A Ética Hedonista do Epicurismo

Pode-se compreender o período helenístico, entre os séculos IV e I a.c., que tinha o expansionismo do reino macedônico, governado por Alexandre o grande, como o marco do mundo antigo, e indo a cair com a conquista romana que declarou a Grécia como parte do império. A nova fusão proporcionada por Alexandre entre os impérios Gregos e orientais proporcionou a criação de uma nova cultura está intitulada como helenismo ou helênico que iniciou uma nova filosofia.

O epicurismo que despontará está fase da antiguidade tenta desmistificar estas degradantes situações que a sociedade vivia, sendo intimidada pelo estado, ficando a mercê de

falsas religiões e seitas, onde deuses falsos eram adorados a fim de persuadir a sociedade, falando sobre a morte e os desejos.

O epicurismo após estas situações tenta elaborar sua ética com base em três princípios fundamentais: a correta compreensão da natureza dos deuses e a sua consequente eliminação do seu temor; a correta compreensão da natureza da morte e a consequente eliminação do seu temor; e por fim a correta compreensão da natureza dos desejos e a sua consequente boa vivência. Tais preceitos estruturam o texto conhecido de Epicuro, intitulado a Carta a Meneceu¹².

4.2 A Carta a Meneceu

Na carta a Meneceu o Epicurismo tenta falar um pouco do que é a sua filosofia, e a partir disso destacar alguns passos importantes para que isso ocorra. É sempre tempo de filosofar, sejamos velhos ou jovens, para o epicurismo devemos procurar a *eudaimonia* que se dará com o filosofar, e assim devemos filosofar em todas as idades. Os deuses existem e são imortais e felizes, a divindade é um ser perfeito e imortal.

O que é a morte para o homem; para-nos a morte é um momento de privação de sensação. Indicações sobre o modo de entender a vida e o futuro; devemos nos lembrar de que o futuro não é inteiramente nosso assim temos de ter cuidado com ele. Como é preciso julgar os prazeres e as dores; o prazer é o princípio de uma vida feliz e a dor é um mal do qual muitas vezes não podemos fugir.

A independência em relação aos desejos; é tida como um bem que pode ser adquirida a partir da natureza. Como devemos entender o prazer e sua ligação com a virtude; o prazer complementa-se com a virtude. A causa do bem e do mal está no próprio homem; o fato de possuímos a decisão final nos traz o bem ou o mal.

A ética do epicurismo tenta fazer uma relação com o *Tetraphámarcos* e a *eudaimonia*. O *Tetraphámarcos* é o remédio quádruplo para se reencontrar a *eudaimonia*, ou seja, a felicidade. Está busca pela felicidade compreende que; não devemos ter nenhum temor aos deuses, também nenhum temor da morte, não é difícil procurar limitar seus bens e consegui-lo, os males têm duração breve ou só trazem consigo breves dores.

¹² Meneceu é discípulo de Epicuro.

4.3 O Prazer e o Epicurismo

Segundo Ullmann, 2006; para o Epicurismo “O ser humano ao buscar o prazer procura a felicidade natural” (Reinhold p. 78). O prazer ou *hêdone* envolve quatro significados básicos sendo; o prazer físico, a ausência de dor (*Aponia*); o prazer do espírito; *ataraxia* (Ausência de perturbação); prazer cinético, ou seja, a atividade espiritual, e o prazer *catastemico*; a tranquilidade ou estabilidade emocional. No epicurismo a *hêdone* expressa tanto a felicidade dos homens quanto dos deuses. Com o prazer chegamos a *eudaimonia* que se dá ainda pelo fato de praticarmos bons pensamentos. A dor que dura mais tempo torna-se menos intensa, porque se torna hábito, e por isso é suportável.

A ausência de dor e de perturbação são prazeres estáveis, ao contrário o gozo e a alegria produzem prazeres em movimento, por sua vivacidade. Para o epicurismo não devemos ter ambições e nem desejos desmedidos. Na carta a Meneceu Epicuro escreve; “O prazer é o princípio e o fim da vida feliz”.

A virtude é escrava do prazer e só pode ser alcançada pelos passos seguintes:

A *Phrónêsis* inteligência, prudência. Ela proporciona o verdadeiro prazer e busca evitar a dor; nela radicam as virtudes, porquanto o discernimento dos verdadeiros prazeres é obra da reflexão, de uma regra de razão e cálculo. “A prudência é superior à própria filosofia”.

b)Os *Logismós: calculismo*. Que consiste em ponderar o que realmente é vantajoso, pois às vezes se faz mister suportar uma dor, quando podemos auferir dela um prazer maior. Por essa razão, ninguém pode entregar-se, logo, aos deleites do prazer, “embora todo bem e todo mal só existam na sensação”.

c)O *Soprôsyne*: autodomínio. Evita o que é supérfluo. Por esse termo, Epicuro entende os bens materiais, a cultura sofisticada e a participação na política.

d)A *Dikê*: justiça. Deve ser buscada por causa dos frutos que produz. Justo é quem usufrui plena imperturbabilidade. A justiça, resultado de convenção social, foi estipulada, para que não haja prejuízos recíprocos entre os homens. Temos, aqui, uma antecipação da ulterior filosofia rousseauiana¹³.

As virtudes, para o epicurismo só tem valor, se servem ao prazer. É mister, portanto, praticá-las, não por elas mesmas, mas visando o prazer, este prazer que irá trazer a felicidade que é o bem supremo da ética epicurista.

¹³ Na filosofia de Jean Jacques Rousseau; “O homem é bom por natureza”.

Conclusão

Conclui-se por este que a ética epicurista tema de meu trabalho, vem de encontro com o problema que se era enfrentado naquela época onde quem estava nas altas classes controlava o resto da sociedade e, para Epicuro Deus não se preocupava com o mundo, assim, Epicuro buscava em sua filosofia mostrar que não precisamos de Deus para ser felizes, mas sim cultivar a *eudaimonia* ou a felicidade.

A filosofia epicurista é uma busca de si mesmo na interioridade. O ideal ético do epicurismo considera que o homem deve procurar o prazer e o gozo da vida, pois a *eudaimonia* é o bem último da existência e consiste exatamente no prazer.

Desta forma Epicuro tenta em sua ética uma busca pela felicidade que compreende que; não devemos ter nenhum temor aos deuses, também nenhum temor da morte, não é difícil procurar limitar seus bens e consegui-lo, os males têm duração breve ou só trazem consigo breves dores. Na ética epicurista não se tratava, de um prazer imediato, mas sim se tratava do prazer permanente, refletido, avaliado pela razão, escolhido prudentemente, sabiamente e filosoficamente.

Referências

- CARVALHO, Olavo de. **O Jardim das Aflições**. De Epicuro à Ressureição de César; Ensaio Sobre o Materialismo e a Religião Civil. Prefácio de Bruno Tolentino. 2 ed. É Realizações. São Paulo. 2000.
- DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua Tradição Antiga**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- FARRINGTON, Benjamim. **A doutrina de Epicuro**. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.